



## **Processos de apreensão de novas devoções em uma associação religiosa**

Joaquim Izidro do Nascimento Junior<sup>1</sup>

### **1. Introdução**

O presente trabalho é um recorte de minha dissertação de mestrado, defendida em 2011 pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia, na Universidade Federal de Pernambuco (NASCIMENTO JÚNIOR, 2011). Naquela ocasião, acompanhei duas associações religiosas (Associação Nossa Senhora Auxiliadora e Associação São João Bosco) da cidade de Juazeiro do Norte, fundadas no ano de 1942. O meu objetivo era compreender como os aspectos sociais e simbólicos eram produzidos entre os membros desses dois grupos, ligados à congregação católica dos padres Salesianos; e como esses aspectos estavam relacionados com a cidade, um dos mais importantes centros religiosos de peregrinação no Brasil.

A proposta apresentada aqui, no grupo de trabalho devoções religiosas e culturas brasileiras, é sobre as devoções dos participantes de uma dessas associações. Havia abordado o tema de devoções nas entrevistas, mas quase não desenvolvi no trabalho final. Optei agora por escolher apenas a Associação Nossa Senhora Auxiliadora, formada por mulheres, porque o material colhido era mais completo do que na Associação São João Bosco, já que nas entrevistas eu havia perguntado mais sobre o tema.

Acreditamos que a chegada da congregação salesiana à cidade de Juazeiro do Norte/CE, em 1939, trouxe novas devoções, em especial São João Bosco (fundador da congregação) e Nossa Senhora Auxiliadora (considerada como patrona pelos salesianos). Essas novas devoções foram acrescentadas a outras já existentes, como o Padre Cícero (fundador da cidade) e Nossa Senhora das Dores. Nesse contexto, antigas e novas devoções se entrelaçam e dão um sentido relacional (CALAVIA SÁEZ, 2009),

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Pernambuco. Integrante do Núcleo de Estudos das Religiões Populares NERPE/UFPE. O trabalho está relacionado com a dissertação de mestrado do aluno, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roberta Campos. E-mail: joaquim.izidro@gmail.com.



onde fiel e santo estabelecem um contato sem-cerimônia. Nossa ideia, em sintonia com Calavia Sáez (2009), é de que as devoções podem nos apresentar um novo quadro para compreender melhor as religiões. É, também, uma maneira de adentrar o universo das pessoas e suas dinâmicas vivenciais, muitas vezes distantes das tentativas homogêneas de antropólogos e teólogos em colocar uma linha divisória entre Deus, Nossa Senhora e demais santos. Essa divisão estanque não corresponde ao que encontramos.

## **2. Cícero, Juazeiro, os salesianos e a associação**

Se faz necessário breves contextos históricos do padre Cícero, da cidade de Juazeiro do Norte, da chegada dos salesianos à cidade e da fundação da Associação Nossa Senhora Auxiliadora. Todos esses contextos estão interligados uns nos outros, já que o padre Cícero foi responsável direto pela fundação da cidade e pela vinda dos padres italianos, que por sua vez acolheram a associação. Nosso objetivo, com esses breves históricos, é identificar as devoções que surgem dessas três dimensões e são apropriadas pelas senhoras da Associação Nossa Senhora Auxiliadora.

A região do cariri está localizada ao sul do estado do Ceará. As grandes missões, ocorridas no século XVIII, principalmente com os missionários italianos capuchinhos, foram importantes no processo de colonização da região. A cidade de Juazeiro do Norte ainda era um pequeno vilarejo quando o Padre Cícero, recém-ordenado, foi convidado para celebrar uma missa na capela de Nossa Senhora das Dores, em dezembro de 1871. O padre era natural da cidade do Crato e suas visitas ao povoado, para ministrar sacramentos, tornaram-se frequentes. O jovem Cícero, então com 28 anos, decidiu morar no vilarejo de maneira definitiva, com toda sua família, em abril de 1872<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> O padre explicava que sua decisão em permanecer no vilarejo era devido a um sonho que teve em 1872. Nele, Cristo apontava um grupo de camponeses pobres que sofria com as secas, frequentes naquele período. Logo após, virou-se para Cícero e ordenou que ele tomasse conta daquele povo (DELLA CAVA, 1985, p.26).



Dezessete anos depois, em 1889, a região enfrentava uma grande estiagem e os fieis se juntavam ao padre no clamor de chuva aos céus. Em março do mesmo ano, um evento modificou para sempre a história do padre e do lugar. Uma beata, Maria de Araújo, recebeu a hóstia das mãos de Cícero e um milagre aconteceu: a hóstia transformou-se em sangue em sua boca. A notícia se espalhou pelos sertões nordestinos e Juazeiro do Norte tornou-se a cidade onde Cristo escolheu para se manifestar. A vida do padre, que se elegeu o primeiro prefeito da cidade, emancipada em 1911, foi marcada por tensões junto à Igreja Católica, que não reconheceu o feito como milagre e acusou o padre e sua gente de fanáticos. Cícero foi suspenso de suas atividades sacerdotais e lutou, sem êxito, até sua morte, em 1934, para reconciliar-se com a Igreja Católica, que manteve sua decisão.

A congregação salesiana foi fundada na Itália por João Bosco, em 1859. Incentivado pela Santa Sé, Bosco se empenhou em iniciar as missões na América do Sul no ano de 1875. Os padres salesianos se estabeleceram no Brasil em 1883, na cidade do Rio de Janeiro. O padre Cícero conhecia os trabalhos da congregação italiana e nutria grande simpatia, ele alimentava o grande desejo de que os padres fundassem um colégio na cidade de Juazeiro do Norte. Cícero se correspondeu diversas vezes com superiores da congregação, mas sua situação de conflito com a Igreja Católica havia abalado a confiança dos salesianos. Mesmo assim, o empenho do padre em trazer os salesianos para Juazeiro não cessou. Nessa busca, também havia um desejo do velho padre em dispor da influência dos salesianos na Santa Sé, o que poderia facilitar sua reconciliação com a Igreja. Em 1923, o velho padre, então com oitenta anos, escreveu o seu testamento, deixando a grande maioria de seus bens para a congregação salesiana.

“O padre Cícero morreu no dia 20 de julho de 1934, com noventa anos, sem conseguir a reconciliação com a Igreja Católica e sem ver a chegada dos padres salesianos em sua terra” (NASCIMENTO JÚNIOR, p.41). A tão esperada chegada dos italianos se deu em 31 de março de 1939, com uma missa campal na frente da Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores.



A fama de um Juazeiro repleto de sertanejos ignorantes e fanáticos era presente nas ideias dos salesianos. Narrativas da obra *Inspetoria Salesiana São Luiz de Gonzaga*, do autor salesiano Oliveira (2005), dão conta dessa interpretação e reforçam os objetivos de modificar tal situação:

Os continuadores de Dom Bosco têm diante de si o eminente desafio de fazer evoluir esse estado sócio-religioso daquela vasta região. Têm que contemporizar com prudência, estudar sem precipitações o ambiente encontrado, modificar pacientemente convicções e vivências religiosas estruturadas pelos séculos. (OLIVEIRA, 2005, p.520).

Os moradores foram convidados a integrarem as associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora. O convite foi realizado pelo então diretor Padre Antonio Almeida Agra, a fundação das associações aconteceu no ano de 1942. Há um esforço em “modificar pacientemente convicções e vivências”, transformar devoções e vivenciar as normas da Igreja Católica. A fundação da Associação de Nossa Senhora Auxiliadora comungou desse ideal.

Maria Zeneida tinha 54 anos quando a entrevistei, por ocasião de nossa pesquisa de dissertação em 2010. Ela era presidente da Associação Nossa Senhora Auxiliadora e estava no cargo há 10 anos. Como destacamos naquele momento (NASCIMENTO JÚNIOR, 2011), a sigla ADMA (Associação de Maria Auxiliadora) passou a ser adotada em várias cidades do mundo, no âmbito da congregação salesiana. Em Juazeiro do Norte, a sigla passou a ser utilizada oficialmente por volta do ano 2000, mas, na prática, a grande maioria das mulheres não incorporou a nova sigla e chama, como sempre, de Associação Nossa Senhora Auxiliadora<sup>3</sup>. Com a institucionalização da ADMA, duas reuniões anuais eram realizadas com todas as presidentes das ADMAs do Nordeste, no sede da Inspetoria Salesiano, na cidade do Recife, Pernambuco. O objetivo dessas reuniões era a troca de experiências das várias associações, bem como estabelecer normas comuns de práticas religiosas. Em sua primeira reunião, no ano 2000, Zeneida explicou para os

---

<sup>3</sup> Optamos por utilizar esse mesmo nome por entendermos que é bem mais representativo para as participantes do que ADMA.



presentes a relação dos associados da ADMA/Juazeiro com um jazigo coletivo, construído no cemitério Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em 1956, para receber os integrantes das duas associações após a morte. Zeneida esclareceu que todas as associadas pagavam um plano funerário para assegurar seu lugar no jazigo coletivo. Ao ouvir o relato de Zeneida, o bispo responsável ficou perplexo (o tema também foi motivo de gozação). O clérigo disse que era a única ADMA do mundo que tinha vínculo com um plano funerário e orientou que acabassem com essa prática, assim que ela retornasse à cidade de Juazeiro. Zeneida se comprometeu com o bispo de que iria impedir que novas associadas integrassem a associação com a intenção do plano funerário. A partir daquele dia, a presidente se empenhou em aceitar apenas as mulheres que escolhessem a associação tendo como motivo maior a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora.

### 3. Os 11 relatos

Dona Toinha tinha 70 anos<sup>4</sup> quando eu perguntei qual era a importância de participar da Associação Nossa Senhora Auxiliadora. Algumas perdas eram carregadas por essa senhora de olhar tão vigoroso: a perda de sua mãe quando ela tinha 8 anos de idade e uma viuvez de 5 anos e 5 meses. Ela viveu ao lado do esposo durante 31 anos e 4 meses, ele foi “um marido, foi um pai, foi uma mãe”, uma companhia importante para quem jamais teve filhos. Mas, apesar de tantos descompassos, Dona Toinha não se considerava sozinha, estava acompanhada de vários protetores que a auxiliavam em seus sofrimentos passados e presentes:

Minha companhia é o Coração de Maria e o Coração de Jesus, que eu sou muito devota do Apostolado da Oração, meu Padrim Ciço, Frei Damião, eu tenho devoção com Frei Galvão, Papa João Paulo II, Padre Francisco...

Dona Sebastiana<sup>5</sup>, então com 74 anos, tinha em suas devoções um enorme grupo composto de todos os santos, que desempenhavam

---

<sup>4</sup> Todas as idades que menciono correspondem ao ano de 2010, quando foi realizada nossa pesquisa de campo.

<sup>5</sup> Dedicamos um artigo a Dona Sebastiana e sua relação com Nossa Senhora: CAMPOS, Roberta Bivar C e NASCIMENTO JR., Joaquim Izidro do. (2013). Em Juazeiro do Norte, Nossa



papeis jurídicos, prontos a defendê-la de qualquer injustiça. Resolviam questões antes de chegar a outras instâncias superiores de um tribunal:

(...) porque minhas orações é unida a todos os santos. Os santos, eu tenho eles como advogados (...), os santos eu tenho eles dessa forma. Nossa Senhora, eu tenho ela como uma.... uma... antes do juiz, como é? A promotora, né? Nossa Senhora é a Promotora. Eu tenho ela como a Promotora, né? Tenho os santos como os meus advogados.

Outros santos foram mencionados por Dona Sebastiana: Dom Bosco, São Lourenço (de quem gosta muito) e São Francisco das Chagas.

Edite, com 60 anos naquela ocasião, tinha em suas devoções: Nossa Senhora de Guadalupe e São Francisco e “muito amor por meu Padim Ciço, também”.

Idália, de 71 anos, colocou em “primeiro” lugar de suas devoções Nossa Senhora Auxiliadora, depois um santo que ela justificou que não sabia o motivo, mas que havia se “apegado” a ele, São Lunquinho<sup>6</sup> (que disse entre risos) e ainda Mãe Rainha, Padim Ciço (de quem narrou uma graça alcançada) e as almas, sobre elas Idália disse: “da minha cabeça eu acho que tem umas cento e cinquenta almas que eu rezo”.

Dona Josefa estava com 67 anos quando conversamos. Os santos que ela tinha “uma forte devoção” eram: Nossa Senhora Auxiliadora e Sagrado Coração de Jesus. Depois citou “Meu Padim Ciço” e acrescentou:

(...) ave Maria, eu tenho muita fé em meu Padim Ciço também, tudo o que eu peço a meu Padim Ciço eu vejo. Tenho muita fé em meu Padim Ciço, porque ele também dizia, o povo disseram que ele dizia, que quando a pessoa pedia as coisas na vida da gente, pedisse a meu Padim Ciço e a Nossa Senhora das Dores. E eu tenho uma fé em Nossa Senhora das Dores também, que é a padroeira do Juazeiro e... Tenho muita fé nos santos”.

A fala dela parou nesse ponto. Se eu não tivesse feito a pergunta seguinte, acredito que ela não lembraria de falar do santo salesiano João Bosco. Então perguntei: “Tem fé em Dom Bosco?” E ela: “Tenho. Demais. E agora foi que eu criei mais fé, com a relíquia de São João Bosco. É tanto que

---

Senhora é Deus-mãe: um feminismo Mariano? *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 33(2): 174-197.

<sup>6</sup> São Lunquinho (ou Longuinho), na maioria das vezes, é invocado pelos fieis com a intenção de encontrar objetos perdidos. São muitos os relatos que tentam explicar a sua origem, entre eles é frequente considerá-lo como um centurião romano, contemporâneo de Jesus Cristo.



eu tava com o adesivo aí, tá na minha bolsinha. Eu achei muito bonita a relíquia de Dom Bosco, muito mesmo”.

Luíza tem 86 anos de idade, mas sua alegria e descontração lembram uma menina sapeca. Têm uma risada contagiante e sonora. Chegou aos 11 anos para morar na serra do catolé, onde está localizada a casa de descanso do Padre Cícero. Até os dias de nossa pesquisa, Luíza ainda prestava serviços na mesma casa de descanso do padre. A casa tornou-se um museu, ao lado está uma capela e fora está a grande estátua erguida em homenagem ao Padre Cícero, tudo na colina do horto, que atrai milhares de romeiros todos os anos. Para Luíza:

(...) o santo maior que ela tem é Jesus Cristo. Depois, ela se “agarra” com todos os santos: São Benedito, São Fernando, São Damázio e São Tomé (diz esses nomes entre risos). Depois, acrescenta Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Maria Auxiliadora, a quem diz que é “fã”. Pergunto se ela é, também, devota do Padre Cícero. Ela responde: “Ah, pade Ciço é meu grande.

Dona Marieta tem 76 anos. A sua devoção “predileta mesmo” é o Coração de Jesus e Nossa Senhora. Mas, ela conta que tem em especial quatro anjos que em todos os momentos ela está com eles, “de manhã, de dia, de noite, toda hora” e me pergunta se eu quero saber quem são. Digo que sim. Ela começa: “São Rafael (a quem entrega seus filhos todo dia), São Miguel, São Daniel e São Gabriel”. Menciona também o seu próprio “anjo da guarda”, que ela não sabe o seu nome, ou melhor, que ela não sabia até sonhar com o menino Deus (o mesmo da Igreja que ela frequenta) e perguntar a ele o nome de seu anjo da guarda. O menino Deus disse que naquele momento não iria dizer, só no outro dia, bem cedo. Pela manhã, receberam a notícia do falecimento de um jovem amigo da família, o nome dele era Rafael. Desde então, Dona Marieta ficou com a “impressão” que o seu anjo se chama Rafael:

(...) aí eu peguei essa devoção com ele, sabe. Aí eu tenho a oração dele que eu rezo, toda noite, todo dia quando me levanto, encomendo meus filhos, a mim, meu esposo, minha casa, a ele, tenho grande devoção e grande confiança. Ele também é o médico da saúde, né? E já tenho alcançado graça com ele, também.



Pergunto se dona Marieta tem devoção também ao Padre Cícero e ela diz: “Com o Padre Cícero, com Frei Damião e com o Papa João Paulo II, já alcancei graças com ele, viu. Ele é um santo, tenho certeza. Ainda não foi canonizado, é como o Padre Cícero, mas ele já era santo antes de ir pra Deus”.

Maria Gomes, de 81 anos, nos disse que era muito “chegada” ao “meu padrim Ciço e a Nossa Senhora. Disse que Nossa Senhora ocupa o “primeiro lugar”, junto com São João Bosco e revela que a devoção a Bosco é recente: “porque agora eu tô fazendo parte, porque eu fazia mas não era tão... Porque agora eu tô sabendo”... Depois repete com convicção: “Padrim Ciço, Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco... e Mãe Rainha, eu gosto muito da minha mãe Rainha, já fui... Alcancei uma graça”...

Dona Dorinha, também de 81 anos, coloca em primeiro lugar o Coração de Jesus. Depois o padre Cícero, a quem ela chama de “nosso diretor”. Cita Nossa Senhora Auxiliadora e diz que também tem devoção com o seu rosário: “não passo um dia sem não rezar um mistério”.

Maria Luci, 74 anos, é conhecida como “tia Luci” e possui mansidão na fala. Os seus “prediletos” são a Imaculada Conceição e Jesus Sacramentado. E o entrevistador faz a pergunta de sempre: “Tem devoção com o Padre Cícero Também?” Luci diz que o Padre vem logo após, acompanhado por São Miguel e mais dois anjos: São Gabriel e São Rafael. Nossa Senhora Auxiliadora vem depois, mas Tia Luci diz que ela “já faz parte de Nossa Senhora, que é uma só”. Ela esquece Dom Bosco e o entrevistar lembra, mais uma vez.

Maria Suzete parecia fragilizada para tão pouca idade, 54 anos. Ela e sua família receberam forte influência da congregação salesiana, seja pela participação ativa em grupos paroquiais, seja pela condução de um trabalho social em um centro comunitário. Suas devoções mais importantes são salesianas: “(...) eu aprendi no berço a amar a família salesiana, esses são os meus preferidos (silêncio). Precisa citar?” E o entrevistador: “Eu acho que é bom”. E Suzete: “Então o amor é muito forte por Nossa Senhora Auxiliadora, Dom Bosco e os outros da família salesiana”. E a mesma pergunta, como um



mantra: “Tem alguma devoção pelo Padre Cícero”? E Suzete, novamente: (...) “eu tenho muito amor por ele, eu sei o quanto ele é importante na nossa cidade, mas eu não tenho muita devoção a ele. Porque é assim (...), a vida do Padre Cícero, às vezes a gente vê tanto fanatismo, não é? E eu não tenho, assim, fanatismo. Eu gosto, eu amo, mas, tudo comum”.

#### 4. O sorriso do acadêmico

Se após todos esses breves relatos, o leitor acadêmico esboçou um sorriso ou achou tudo muito “interessante” ou bizarro, pode significar que este leitor encare esses pontos de vistas como fruto de uma imaginação fértil, ainda que esteja imbuído da ideia de compreensão do outro. Ele achará que as mentes dessas senhoras são férteis porque sua própria mente reflete uma maneira de classificar tais falas de acordo com sua própria percepção do mundo, que é percebida como sendo mais real do que a das amáveis senhoras. Diante desses relatos, o mesmo leitor acadêmico poderá acreditar que suas explicações apontem um caminho interpretativo coerente, livre dessa imaginação fértil, objetivo por si só. Se ele for antropólogo e sua intenção for a de interpretar o pensamento e ação dessas senhoras, ele poderá escolher categorias para pensar tudo isso que ele denominará de *fenômenos socioculturais*. Chamará essas senhoras de *indivíduos*, *atores* ou *informantes* e a associação a qual participam será o seu *objeto da pesquisa*. Isolará todas elas em um conceito de *cultura* e dirá que a cultura que elas estão ligadas é um jeito criado coletivamente para que essas ilustres senhoras deem sentido a esse mundo *religioso* que habitam, simbolizando-o a partir das suas devoções. Fazendo isso, ele utilizará sua própria cultura para explicar outras e estabelecerá uma relação hierárquica com essas senhoras, ele se notará capaz de explicar todas as suas falas. Não lembrará que tanto ele quanto as pessoas que ele pesquisa pertencem a uma cultura e “que cada cultura, como tal, é equivalente a qualquer outra” (WAGNER, 2012, p. 40). Ele irá considerar que o grupo dessas mulheres é uma “entidade concreta”, “uma ‘coisa’ que tem regras, ‘funciona’ de uma certa maneira e pode ser aprendida”:



A crença do pesquisador de que a nova situação com a qual está lidando é uma entidade concreta – uma “coisa” que tem regras, “funciona” de uma certa maneira e pode ser aprendida – o ajudará e encorajará em seus esforços para enfrentá-la. Mas num sentido muito importante ele não está aprendendo a cultura do modo como o faria uma criança, pois aborda a situação já como um adulto que efetivamente internalizou sua própria cultura. Seus esforços para compreender aqueles que está estudando, para tornar essas pessoas e suas condutas plenas de significado e para comunicar esse conhecimento a outros irão brotar de suas habilidades para produzir significado no âmbito de sua própria cultura. Desse modo, o que quer que ele “aprenda” com os sujeitos que estuda irá assumir a forma de uma extensão ou superestrutura, construída sobre e com aquilo que ele já sabe. Ele irá “participar” da cultura estudada não da maneira como um nativo o faz, mas como alguém que está simultaneamente envolvido em seu próprio mundo de significados, e esses significados também farão parte. (WAGNER, 2012, p.51-52)

O nosso acadêmico também não terá consciência de que a busca obcecada da antropologia para alcançar a *Ciência* interferiu nas relações estabelecidas com os “povos que estuda: seja para desqualificá-la como erro, sonho, ilusão, e em seguida explicar cientificamente como e por que os ‘outros’ não conseguem (se) explicar cientificamente” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.127).

## **5. O sorriso do clérigo**

Após todos esses relatos, um clérigo da Igreja Católica, poderia esboçar um sorriso sarcástico ou achar tudo muito bizarro, também poderia achar essa imaginação fértil e ingênua. Diante desses mesmos relatos, o clérigo dirá que é preciso um “discernimento pastoral para sustentar e apoiar a religiosidade popular, e se for o caso, para purificar e retificar o sentido religioso que embasa essas devoções”.<sup>7</sup> Dirá que Cristo não pode ser comparado com outros santos, porque ele é “o membro mais importante (...) por ser a cabeça” da Igreja<sup>8</sup>. Dirá que é preciso adorar o Cristo e apenas amar os santos<sup>9</sup>. Dirá, também, que essas senhoras são supersticiosas, e definirão superstição como um “desvio do sentimento religioso e das práticas

---

<sup>7</sup> Item nº 1676. Catecismo da Igreja Católica. Rio de Janeiro: Editora Vozes. São Paulo: Edições Loyola. 1993.

<sup>8</sup> Item nº 947. Ibid.

<sup>9</sup> Item nº 957. Ibid.

que ele impõe”<sup>10</sup>. O pensamento delas será percebido como irracional. Expressará que nesses depoimentos há idolatria, porque essas mulheres prestaram “honra e veneração a uma criatura em lugar de Deus”<sup>11</sup>. Fazendo isso, o clérigo também utilizará suas ideias de verdade para explicar o equívoco dessas senhoras ignorantes. Dirá que em Juazeiro do Norte, por seu histórico de tensões com a Igreja Católica, há resquícios de um fanatismo religioso e essas senhoras são exemplos concretos disso.

O clérigo e o acadêmico não lembrarão de que foram os responsáveis por uma disciplina que visou e visa “domesticar símbolos”, numa “reelaboração e controle de um universo simbólico” (CALAVIA SÁEZ, 2009, p.203). Desconhecerão que foi criada uma linha divisória entre deus e os santos, em categorias específicas para Jesus Cristo e Nossa Senhora, que serão bem diferentes das categorias dos santos. Não lembrarão que:

(...) a ortodoxia apontou sempre no sentido de transformar a hierarquia cósmica num continuum saturado em que a Jesus Cristo corresponderia uma divindade humanizada, e à sua mãe uma hipersantidade, colocada por cima daquela dos santos comuns. (CALÁVIA SÁEZ, 2009, p.205)

## 6. E agora?

É que tanto para o acadêmico como para o clérigo, “não importa o que os nativos ‘pensem’ que estão fazendo, suas ações, ideias e instituições são medidas conforme o padrão de” suas criatividade (WAGNER, 2012, p.331). E sempre:

(...) que impomos nossa concepção e nossa invenção da realidade sobre uma outra cultura, seja no curso do trabalho antropológico, missionário, governamental ou em prol do ‘desenvolvimento’, transformamos sua criatividade nativa em algo arbitrário e questionável, em um mero jogo de palavras simbólico (Ibid, p.332).

Viveiros de Castro (2002) defende que “se há algo que cabe de direito à antropologia, não é certamente a tarefa de *explicar o mundo de outrem*, mas a de *multiplicar nosso mundo*, ‘povoando-o de todos esses exprimidos que não existem fora de suas expressões” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.132).

---

<sup>10</sup> Item nº 2111. Ibid.

<sup>11</sup> Item nº 2113. Ibid..



Já Wagner (2012), acredita que a saída está em “considerar nossos próprios símbolos responsáveis pela realidade que criamos com eles” (WAGNER, 2012, p.333) e só assim seremos capazes de apreender o funcionamento da invenção tanto de si próprio quanto dos outros.

Quanto às devoções, Calavia Sáez (2002) nos propõe (de maneira esclarecedora) uma abordagem *relacional* para encararmos a devoção de outra perspectiva. Ou seja, substituir os termos *devocional*, *sentimental* ou *privado* pelo termo *relacional*. Levar em conta que entre o devoto e o santo há uma relação entre sujeitos, marcada pela informalidade, uma *sem-cerimônia*:

Ao tratar com um santo, o devoto escolhe um sujeito entre outros. O escolhe por razões muito variadas: é o santo de sua cidade ou profissão; ou ele costuma se ocupar de tal ou qual aflição; ou os feitos de sua vida indicam que poderia se interessar por essa aflição concreta que o devoto padece; ou que ele foi amigo ou mesmo xará de algum outro santo com quem já se tem relação. Pode ser que a escolha venha dada por uma visão, um encontro casual ou uma recomendação de outrem. A relação com o santo, embora hierárquica, está marcada por uma *sem-cerimônia*. Ela não é irrevogável: pode haver rupturas desse contrato tácito ou expresso (o santo não foi capaz de conceder uma graça solicitada), ou um cancelamento sem outras consequências (o devoto obteve a graça e pagou a promessa), ou um simples esmorecimento: a relação se dissolve aos poucos ou é substituída por outra. Não é, tampouco, exclusiva: o culto aos santos existe sobretudo no plural, e com frequência se ordena por critérios de especialização – cada santo respondendo por um tipo de necessidades ou aflições. (CALÁVIA SÁEZ, 2002, p.204-205)

Essa postura foge das hierarquias estabelecidas entre Deus, Jesus Cristo, Nossa Senhora e os santos. Para a maioria dessas mulheres que participam da associação Nossa Senhora Auxiliadora, não há essa divisão tão demarcada como supõem acadêmicos e teólogos. Muitos estudos consideram que a relação entre os fieis e Deus é marcada por um “protocolo especial” (CALÁVIA SÁEZ, 2002, p.205), enquanto que a relação entre os fieis e os santos estaria dentro de uma *socialidade comum* e mais informal. Outros estudos, abordados por Calavia Sáez (2002), também atribuem a relação dos fieis com os santos enquanto metonímica (nesse sentido, fariam parte de redes sociais) e dos fiéis com a divindade enquanto de ordem metafórica (estariam dentro de uma ordem social ou uma alternativa a ela). E vale aqui a



observação do autor, de que a maneira como os teólogos “interpretam” a relação com os santos é tão fria quanto a dos antropólogos (Ibid, p.207).

Mas, como acompanhamos nas falas, as senhoras associadas não estabelecem essa linha divisória entre santos e deuses, essa linha é “indecisa e instável”, e “desloca-se com frequência: divindades podem passar a ser tratadas ao modo de santos, e santos podem atingir de fato a estatura de deuses” (Ibid, p.205).

## **7. Considerações finais**

Geertz (1989) diz que “o problema do sofrimento é, paradoxalmente, não como evitar o sofrimento, mas como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo ou da impotente contemplação da agonia alheia algo tolerável, suportável” (GEERTZ, 1989, p.119). Se eu tivesse perguntada para essas mulheres se é possível evitar o sofrimento, estou seguro de que a resposta seria sim. A palavra sofrimento não foi citada por nenhuma dessas senhoras. E mesmo as narrativas de dificuldades que elas enfrentaram não é a tônica principal, o que me leva a pensar que a companhia dos santos é mais importante do que o sofrimento. Quando eu digo que a religião ensina como sofrer, como fazer da dor “algo suportável”, asseguro de que ela não é capaz de evitar o sofrimento. Porque, na grande maioria das vezes, o acadêmico não acredita que a religião seja capaz de evitar o sofrimento. E ainda, o que o acadêmico considera como sendo sofrimento pode não ser sofrimento para os fieis que tem um exército de cento e cinquenta almas ou inúmeros advogados disponíveis para evitar qualquer tipo de dor. Sou eu, antropólogo, quem percebe que a perda da mãe e do esposo de Dona Toinha são sofrimentos para ela. Por sua vez, a companhia do Coração de Maria, do Coração de Jesus, do Apostolado da Oração, do Padrim Ciço, de Frei Damião, do Frei Galvão, do Papa João Paulo II e do Padre Francisco são mais importantes do que o sofrimento que supomos que ela carregue.

Campos (2007) defende que em Juazeiro do Norte há uma identidade calcada numa simbólica do sofrimento, reflexo de uma tradição católica ainda



presente. Nesse sentido, Juazeiro teria no sofrimento sua própria sacralização. Eu, inclusive, utilizando Campos, defendi a mesma ideia em Nascimento Júnior (2011). A percepção de que o sofrimento e a dor fazem de Juazeiro um lugar sagrado pode não encontrar ressonância nas falas das “nossas” associadas. O que parece fazer de Juazeiro um lugar sagrado é exatamente a possibilidade de não sofrer, porque nessas terras os santos possuem o poder de não permitir o sofrimento.

Se a relação com os santos passa a ser uma relação de amizade, de alguém próximo que se pode contar, então esse contato tem a força de evitar qualquer tipo de sofrimento. A lembrança de uma mãe morta, quando se tinha 8 anos de idade ou a perda de um esposo que partilhou uma vida durante 31 anos, não são mais importantes do que a companhia do Coração de Maria e do Coração de Jesus. Sim, os corações são pessoas e para essas senhoras não há nenhuma contradição nisso. O apostolado da oração também é uma pessoa, um grupo incorpora uma pessoa, que é companhia para evitar os sofrimentos. Nossa Senhora é Deus-mãe (CAMPOS e NASCIMENTO JR., 2013). Jesus Cristo também é um santo. O padre Cícero, Frei Damião (que de acordo com muitos relatos são uma só pessoa) e Frei Galvão (que se tornou conhecido pelos grandes meios de comunicação) também são companhias, assim como o Papa João Paulo II. Padre Francisco Pinkowsk (um salesiano polonês que passou pela cidade de Juazeiro e que lhe é atribuído diversos milagres) ajuda, de perto, a evitar qualquer mal sujeito a acontecer. Os santos também são advogados, porque a justiça divina tarda, mas não falha e eles farão justiça para quem necessita dela e essa assistência terá o poder resolver qualquer tipo de sofrimento. Esses santos advogados poderão encaminhar algum sofrimento para a promotora, Nossa Senhora, que recorrerá ao Deus juiz e todas as aflições serão ouvidas, confortadas e resolvidas.

Se a nossa apreensão de mundo é marcada pela hierarquia, também é assim entre essas mulheres. Há os santos “prediletos” que ocupam o primeiro, segundo, terceiro e muitos outros lugares na vida do devoto. Mas, eles também podem mudar de lugar em muitas ocasiões, assim como os



amigos que tivemos no passado, e que ocupavam a posição de prediletos, se perderam no tempo de nossas preferências.

E quanto mais santos, mais proteção e menos sofrimento. Sejam santos ignorados pela instituição católica (isso não tem importância para o fiel), como o “grande” Padre Cícero que, de tão próximo e tão conhecedor das dores que atravessam o seu Juazeiro, não irá falhar e atenderá o que pode parecer impossível a um pobre humano. As almas também podem se juntar em um número de 150 e estarão prontas a oferecer toda ajuda necessária.

Dom Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora chegaram depois, mas quando é pra evitar o sofrimento, se é bem vindo. Pode até não ocupar um dos primeiros lugares, mas é só o entrevistador lembrar deles, que aparecem com suas mãos de ajuda. Porque quanto mais se agarra aos santos, com força nas mãos e no pensamento, mais certeza de que eles voltarão seus olhos em direção aos nossos. Ou como a fé que fez a mulher tocar na barra da roupa do Cristo e que foi suficiente para Cristo sentir, esta fé que transporta não somente montanhas, mas é capaz de vencer a própria morte.

Valei-me São Benedito, São Fernando, São Damázio e São Tomé. Socorrei-me Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Maria Auxiliadora! Vinde anjos desse céu imenso, Rafael, Miguel, Daniel e Gabriel e todos os “els” que habitam o firmamento, bem como o nosso anjo da guarda que sabe, como ninguém, o tamanho de nossas dores. Salve o menino Deus, que de tão menino tudo sabe.

Há poucos anos, Suzete foi se encontrar com seus santos preferidos. Como vimos antes, ela não teve tanta devoção ao Padre Cícero, porque em sua adolescência e juventude conheceu Bosco e Auxiliadora, que foram seus grandes amigos. Em um leito de UTI, em dezembro de 2011, ela estava entubada, mas consciente. Havia pedido a um sobrinho (por gestos agoniados) para morrer em casa. Este, ao conversar com os médicos, foi aconselhado a negar o desejo de Suzete e ela jamais pôde voltar viva para o próprio lar. A decisão do sobrinho foi apoiada pelo esposo, filho e irmã de Suzete, que não queriam vê-la sofrer, buscando oxigênio e sem chance de conseguir. Suzete passou o natal e as festas do novo ano entubada e com



dores. Em 05 de janeiro de 2012 faleceu. Deve ter sido levada nos braços de seus amigos Bosco e Auxiliadora, não porque o sofrimento foi maior, mas porque o seu dia de encontrar a família salesiana chegou. Agora, ela deve estar na grata companhia de seus dois protetores salesianos e, também, de seus irmãos e de sua mãe, que já haviam feito a mesma viagem. O sobrinho dela, que fugiu dos santos e não pôde atender ao seu pedido, escreve essas linhas e tenta, assim como São Geertz (1989) disse, fazer “da impotente contemplação da agonia alheia algo tolerável, suportável”.

## **Referências**

CALAVIA SÁEZ, Oscar. O que os santos podem fazer pela antropologia? *Religião e Sociedade*, Vol.2, nº 29, Rio de Janeiro, p. 198-219, 2009.

CAMPOS, Roberta B. C. Para Além do Milagre do Juazeiro: sofrimento como sacralização do espaço, o caso dos Ave de Jesus – Juazeiro do Norte. *Estudos de Sociologia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*. Vol.13, nº1, Recife, p.161-173, 2007.

CAMPOS, Roberta B. C. e NASCIMENTO JR., Joaquim Izidro do. Em Juazeiro do Norte, Nossa Senhora é Deus-mãe: um feminismo Mariano? *Religião e Sociedade*. Vol.2, nº33, Rio de Janeiro, p.174-197, 2013.

DELLA CAVA, Ralph (1985). *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

NASCIMENTO JÚNIOR, Joaquim Izidro do. “Rogai por Nós”: *Religião, Morte e Antropologia*. Dissertação de Mestrado em Antropologia - Universidade Federal de Pernambuco – PPGA – Recife, 2011. Orientação da Profª Drª Roberta Campos.

OLIVEIRA, Luiz de. *Inspetoria Salesiana São Luiz de Gonzaga – Vol I*. Recife: Escola Dom Bosco de artes e ofícios, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana*, Vol.1, nº 8, Rio de Janeiro, p.113-148, 2002.



**WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify portátil, 2012.**